Argumentos dispositivos: o *pathos* do *logos*¹

Julio Pinto²

Resumo: O artigo propõe uma aproximação entre as noções de dispositivo (Foucault, Agamben) e o conceito de suadissigno (argumento semiótico). Discute-se a presentificação da experiência como corolário do predomínio da razão sensível – primeira, em termos semióticos –, como elemento de um dispositivo do imaginário social (terceira, portanto, dentro do domínio do *logos*) que faz do *pathos* uma sutil avenida para criação de mentalidades.

Palavras-chaves: presentificação da experiência, logos e pathos, dispositivo social.

Abstract: This paper proposes an approximation of the notion of device (*dispositif*, as in Foucault and Agamben) and the concept of suadissign (semiotic argument). It discusses the presentification of experience as a corollary of the predominance of what may be called Sensible Reason – firstness, in semiotic terms – as an element of a social imaginary device (thirdness, hence, within *logos*) which makes *pathos* a subtle venue where mentalities are shaped.

Keywords: presentification of experience, logos and pathos, social device.

Não espere o leitor que eu faça, nesse introito, algum estudo do estado da arte (até prefiro *state of the art*, por achar paradoxalmente menos colonizado), resenhando opiniões e arregimentando autores que se perfilarão(iam) em defesa dos meus argumentos, mesmo porque, em sentido estrito, não tenho argumentos a oferecer. O que virá a seguir são meras alucinações teóricas que buscam, pelo deslizar frouxo das ideias, alguma elucidação daquilo que vem se manifestando de aleatória maneira em minha mente. Às vezes, naturalmente, buscarei uma ou outra citação, mas, friso, este exercício é só um exercício que, é bom dizer, não tem nem a pretensão de ser novidade (porque, a rigor, originalidade não existe), já que tem havido textos e livros sobre o presente assunto, muitos deles inspirados nas percepções teóricas vindas dos quartéis semióticos a que me filio. Outra coisa: o que tem de pensamento aqui é, por isso, veiculado através de mim, pois que, heideggerianamente, me coloco não como sujeito do conhecimento, mas como veículo desse fenômeno, desse acontecimento chamado conhecimento que nos acomete. Por isso, não vou, à maneira de Maffesoli, fazer

¹Versão modificada e ampliada de artigo publicado anteriormente com o título “Logos Sensorial”, *Contemporânea* (UFBA, v.2, n.8, 2010).

²Ph.D., Professor do PPGCom da PUC MG. E-mail: juliopinto@pucminas.br.

nenhum elogio à razão sensível, nem adequadamente discorrer sobre ela, porque há muitos outros que já o fizeram muito melhor do que eu jamais poderia aspirar a fazer.

Dito isso, podemos começar com um exemplo. Há uma cerveja cujo nome, com pequenas alterações ortográficas, significa crânio em uma língua germânica ancestral e um brinde tchin-tchin em uma língua germânica contemporânea. Essa cerveja apela para a metáfora da redondeza e da esfericidade ao se declarar deleitável bebida. Natural e obviamente, o que está em jogo na retórica publicitária é um contraste sensorial entre a macia beberagem em questão e as ásperas concorrentes. Nada mais corriqueiro em se tratando de comercial de bebida. O interessante é a reforçada ênfase na agradabilidade do consumo, versus o peso na tecnicidade da forma de produção (que, de resto, algumas outras cervejas alardeiam, ao exaltarem as qualidades de seu lúpulo e da água utilizada em seu preparo, além da tradição e da inigualável sabedoria de seu mestre cervejeiro). Em outras palavras, enquanto a competição enfoca o know-how, a nossa cerveja enfatiza qualidades sensíveis. E, ao que parece, as qualidades sensíveis estão ganhando o jogo.

Em termos de observação empírica do que vem acontecendo na experiência contemporânea, essa publicidade de cerveja está repisando o banal (banal, porque está acontecendo o tempo todo hoje em dia), mas um banal singular, porque manifesta uma tendência. Gostaria de aventurar uma hipótese de que esse fenômeno da ênfase no sensível ultrapassa as percepções acertadas de que exaltar a qualidade de algo a se vender é publicitariamente correto, mesmo porque o propósito desta minha arenga é o de ir além da técnica publicitária. Na verdade, o que pretendo é dar um passo atrás para afirmar que esse fenômeno se encaixa em um amplo dispositivo (estou usando o termo *dispositivo* segundo a concepção de Agamben, 2007) que vem priorizando aquilo que a semiótica chamaria de primeira (utilizo aqui minha tradução pessoal do termo *firstness* proposto por Peirce). Esse dispositivo (ou argumento) vem tendo impacto observável (donde se infere ser ele dotado de certa magnitude) nos comportamentos e na experiência contemporâneos. Explico que o termo *argumento* é utilizado neste nosso contexto a partir de sua acepção semiótica. Refiro-me àquele tipo de signo complexo por seu interpretante, que contém em si pelo menos dois signos, um dos quais sempre interpreta o outro. O argumento, dentro da arquitetura conceitual desta semiótica, seria o degrau do topo da complexidade sígnica, isto é, ele engloba em si não só o poder de legislação dos símbolos, como a capacidade dêitica dos dicissignos e dos

índices, além de conter a indefinição semântica e a associada carga sensorial analógica que se identificam nos remas e nos ícones. Em outras palavras, ele contém, dentro de si, os elementos constituintes de sua própria confirmação e de sua própria profanação.

Por causa dessa impressão ainda imprecisa e impressionista – peço perdão pela paronomásia que se me afigurou quase irresistível – talvez valesse a pena fazermos uma breve incursão por alguns conceitos que, sei, todos já dominam, mas que talvez estejam dormentes e guardados em algum desvão ou sótão mental. Trata-se da já anunciada noção de primeireza, a categoria da experiência da sensação não-pensada. O que eu queria neste momento é abordá-la a partir de algumas idéias sobre a imagem, os aromas, os sabores e o som, não exatamente de uma teoria da imagem lá fora, aquela imagem que vemos projetada, nem uma teoria das frequências de ondas sonoras, e muito menos uma teoria bioquímica que explique nossas sensações nasopalatais, porque olhar para esses inputs sensoriais dessa forma é condenar essas importantes manifestações em nossas vidas a uma existência lógica fora de nós, enquanto o que me interessa mesmo é pensar como se dão essas coisas dentro de nós.

Diz Peirce quase tautologicamente que um ícone é um signo cuja qualidade representativa é uma primeireza dele como primeiro, isto é, uma qualidade que ele tem como coisa que o torna apto a ser um signo. Dessa forma, qualquer coisa pode ser um substituto de qualquer outra coisa que se lhe assemelhe. Até aqui, tudo bem. Entretanto, existe um *caveat*: o conceito de substituição envolve propósito e, assim, uma terceira genuína. Parece, portanto, que terei que lidar com uma aparente aporia aqui: falo de terceiros ou de primeiros? A solução está num outro conceito semiótico, o da degenerescência dos signos. Se tudo é signo, conforme o postulado mais conhecido de todos, não pode haver verdadeiras sensações, porque elas já vêm mediadas por signos. Assim, o que temos são sensações significadas, isto é, primeiros e não zeros. Primeiridade, como quer a pragmática, e não zeroidade, como parece querer Deleuze, de vez que uma zeroidade seria a total fusão com o *continuum* das coisas – coisas, e não objetos de linguagem. Isso quer dizer que o zero seria a total indistinção entre o sentidor e aquilo que o sentidor sente e, portanto, a não consciência absoluta daquilo que se coloca para o sentir.

Um exemplo: a semelhança parece exigir menos de nós que um raciocínio que explore contrastes, já que basta um pequeno fundamento para que eu produza relações icônicas. Vêm-me à mente, de imediato, as sinestésias, já que o gosto do cheiro de algo, por exemplo, é uma

relação icônica de substituição que, se não é puramente sensorial, pelo menos aparenta sê-lo. Mas existem complexos argumentos sociais que me induzem a produzir / sentir sensações que, por isso, são degeneradas, por serem subsistemas primeiros de ordenações terceiras. Esse certamente é meu caso pessoal de, como mineiro, não gostar muito de cheiro de peixe e, por isso, ter enorme resistência à culinária japonesa. Por outro lado, quem passou a vida cercado por essas iguarias ou aderiu ao modismo contemporâneo (e moda é um argumento-dispositivo óbvio, i.e., um signo que persuade) tem, ao contrário de mim, a boa sorte de salivar sempre que sente tais aromas. Argumentos que comandam sensações, como se vê.

Ora, e daí? Esperem só um pouquinho. Ainda quero discutir o som. E vou fazer isso de modo machadiano, isto é, chamando ironicamente a atenção de vocês para a facilidade com que escorrego de um para outro de sinestésica maneira. Vejam só.

Peirce, mais uma vez Peirce, diz sobre as sensações o seguinte:

Um mero pré-sentimento pode ser um signo. Quando um cego diz que pensa que a cor escarlate deve ser algo parecido com o som de um trompete, ele percebeu bem essa obviedade e o som é certamente um pré-sentimento, mesmo que a cor não o seja. Algumas cores são chamadas de tristes, outras de alegres. O sentimento dos tons é ainda mais familiar, isto é, os tons são signos de qualidades viscerais de sensação. Mas o melhor exemplo é o dos odores, pois eles são signos de mais de uma maneira. É observação comum a de que os cheiros elicitam velhas memórias. Isso, acho, se deve ao fato, pelo menos em parte, seja pelo tipo de conexão que o nervo olfativo tem com o cérebro ou outra causa, de que os cheiros têm uma notável tendência a se pré-sentimentalizar, isto é, ocupar todo o campo da consciência, de modo que uma pessoa pode, ao menos momentaneamente, viver em um mundo composto apenas de odores. Na vacuidade desse mundo, não há nada a obstruir as sugestões da associação. Essa é uma forma pela qual os odores são particularmente capazes de agir como signos. Mas eles têm também a notável capacidade de trazer à mente qualidades mentais e espirituais. Isso pode ser um efeito da associação por semelhança, se subsumirmos debaixo desse termo todas as associações naturais de diferentes idéias. Eu certamente faria isso, pois não sei de que mais pode consistir a semelhança. (**Collected Papers**, v. 2, parágrafo 313)

Gostaria de me demorar mais nessa frase: *notável tendência a se pre-sentimentalizar*, isto é, ocupar todo o campo da consciência, de forma que a pessoa pode viver em um mundo composto apenas de informações dos sentidos. A música certamente tem o poder de produzir

essa sensação. Mas, e a essa altura já ficou claro, ela o faz a partir de um conjunto razoavelmente convencional (no mínimo, um elenco pré-definido de sons): de novo, terceiros comandando primeiros.

Deixe-me explicar um pouco mais, usando ainda o Peirce, desta vez nos CP 5.230 e 231 (as traduções são minhas):

230. Ninguém questiona que, quando uma criança ouve um som, ela pensa não nela mesma como ouvinte, mas no sino ou outro objeto como soante. O que acontece quando ela quer mover uma mesa? Ela pensa em si mesma como desejante de movê-la ou pensa na mesa como movível? Que ela tem essa segunda perspectiva não há dúvida. A primeira opção continua sendo uma suposição arbitrária e sem fundamento até que a existência de uma autoconsciência intuitiva seja provada. Não há nenhuma boa razão para se pensar que a criança seja menos ignorante de sua condição peculiar do que um adulto raivosos que negue sua condição irada.

231. A criança, contudo, deve descobrir logo, por meio da observação, que as coisas móveis são de fato aptas a sofrer tal mudança após um contato com aquele corpo particularmente importante chamado Joãozinho. Tal consideração torna esse corpo ainda mais importante e central, já que estabelece uma conexão entre a aptidão de uma coisa para ser movida e a tendência nesse corpo a tocá-la antes de ela ser mudada.

Em outras palavras, tudo na consciência é elicitado dentro a partir de uma relação com o fora. A consciência é relacional e nossa relação com aquilo que definimos como real tem base no nosso *pathos*. Considerando um dispositivo civilizatório contemporâneo centrado no nosso gosto, na nossa sensação, no nosso bem-estar, no imperativo do nosso prazer, do nosso entretenimento, na nossa evitação do tédio, no nosso frenesi gozoso, na sutura de nossa falta interna por meio dos objetos externos que consumimos, o nosso corpo, assim como o do Joãozinho no exemplo de Peirce, torna-se absolutamente central. Lembrando que as sensações têm a notável tendência a ocupar todo o campo da consciência, o corpo-sujeito de Merleau-Ponty vem imediatamente à nossa cabeça. É o corpo que pensa-sente o fenômeno.

Isso é particularmente verdadeiro quando se pensa em termos temporais, porque qualquer referência a qualquer tempo sai de nosso momento de fala: o presente é quando eu falo porque ele está em mim, ou eu nele. De qualquer forma, o presente é o real, porque eu o sinto. Daí podermos pensar que o real é visto em termos de sua presentidade: o real é o

sensível. O passado é, de acordo com a teoria semiótica, aquilo que eu consigo divisar ou, para ficar no campo visual, aquilo que eu enxergo. O presente é aquilo que me aparece e que vejo, mais que enxergo. E o passado só é observável porque se situa distante de mim, ele está no fora-de-mim. De fato, muitos já falaram que estamos na era do visível. Ora, se o mundo contemporâneo se centra na visibilidade, talvez faça sentido pensar-se o real não como aquilo que se observa (falo de ciência ou de narração), mas como aquilo que se sente, instância análoga ao ver.

Aliás, pode-se pensar nisso como se pensa no presente. Na verdade, o presente não se pensa, ele se faz sentir. Ao pensarmos nele, contudo, ele imediatamente se passadiza. Mas, é inegável que nos sentimos dentro dele, ou o sentimos em nós. Nessa perspectiva, ele se assemelha ao próprio *eu*, ou *self*, já que o *self* é menos uma noção para nós do que uma sensação. E muitos já observaram a importância crescente que a presentidade vem tomando em nossa experiência hoje em dia.

Estão em todos os lugares os sintomas daquilo que podemos chamar de presentificação da experiência. Pelo menos em parte, depois de vários anos pensando nisso, venho achando que o fenômeno pode ser atribuído à presença pervasiva de meios de transporte cada vez mais rápidos e de meios de comunicação que encurtam e anulam distâncias espaciais e temporais, num processo a que Virilio já tinha aludido ao propor sua idéia de *olhar veloz*. E mais: já foi observado que a experiência reticular dos ambientes digitais constitui uma propulsão no sentido da singularização das experiências, isto é, uma manifestação do sensível em sua proximidade com os absolutos irredutíveis de uma zeroidade que não se alcança. Essa singularização oferece o tato, mais que a idéia do tato, o cheiro, mais que a idéia do cheiro, o tempo presente que sinto na carne, mais que uma idéia de tempo presente. Não é, aliás, o tempo presente que todos compartilhamos, é o **meu** tempo presente.

Para investigar isso, revisei uma antiga proposta minha relativa a uma lógica temporal, em que eu tomava três elementos: um evento, uma referência, e um momento de fala.³ Ora, o momento de fala é sempre presente, e o que constitui languageiramente nossa percepção do tempo viria de um jogo em que o evento e a referência se deslocam ou se juntam. Gráficamente, a coisa se resolve da seguinte forma:

E - evento

³Isso está no meu **The Reading of Time** (Berlin: Mouton De Gruyter, 1989).

R – referência

F – momento de fala

Posso usar um travessão para indicar distância e uma vírgula para indicar contemporaneidade. Dessa maneira, o passado seria E,R___F porque minha referência está junto do evento e distante de mim.

O presente seria E,R,F porque a minha referência temporal se confunde com a minha fala.

O futuro seria F___E,R e um pretérito mais que perfeito poderia ser descrito como E___R___F em que a referência é anterior à fala, mas posterior ao evento.

Inicialmente, esse esquema havia sido elaborado para resolver questões relativas à linguística textual e os esquemas temporais nem sempre lineares que se encontram nos textos literários. Entretanto, esta pesquisa atual acabou me revelando a possibilidade de o esquema ser uma metáfora visual interessante para o que venho dizendo. Assim, em E,R___F, o evento e a referência estão obviamente fora de mim. É como se, dado o grande suadissigno /argumento / dispositivo sensorial que ora nos comanda, o passado não me pertencesse, e nem eu a ele, de vez que o imperativo está na simultaneidade da vivência e da experiência, isto é, o dispositivo terceiro está me dizendo que o que vale é o E,R,F. À guisa de parênteses, uso aqui o conceito de experiência emprestado, com modificações, de Dewey: para mim, a experiência é uma espécie de memória teórica das vivências. A vivência é o momentâneo, o acidente, o imediatamente sentido.

Voltando ao ponto: empiricamente, tentei verificar na linguagem usada nas redes sociais, em emails, blogs e outras manifestações internéticas a frequência de tempos verbais em português, inglês, francês e espanhol. Foram centenas de visitas feitas por estagiários e uma simples estatística saltou aos olhos: cerca de 94% dos verbos utilizados estavam ou no presente simples, ou usavam o famigerado gerúndio no caso brasileiro. Os demais se distribuíam em um futuro imediato ou passado recente, ou, em outras palavras, continuavam gravitando em torno do presente. Esmagadora evidência em favor desta humilde hipótese. Nem por isso, entretanto, vou deixar de falar essas coisas com uma pitada de sal e dar a mim mesmo o benefício da dúvida.

Seja como for, essa situação me lembrou o Jameson, o Fredric, com seu livro **Modernidade singular**: ensaio sobre a ontologia do presente, publicado no Brasil pela

Civilização Brasileira em 2005. Nessa obra ele reconhece, na sua discussão da modernidade do moderno e da não-modernidade do modernismo, que, em época de capitalismo tardio, o que vemos é uma redução da temporalidade ao presente, a perda de sentido da história e da continuidade, etc. Diz ele ainda: quanto mais procuramos persuadir-nos dos nossos próprios projetos e valores em respeito ao passado, mais esse passado se dissocia do nosso presente. Nesse diapasão, não pode haver um passado sem um poderoso presente que, dicotomicamente, rompa com ele. Esse passado, portanto, fica esmaecido e é, por isso mesmo, pinçado e utilizado como colorido para o presente.

Isso é facilmente observável nas reedições dos figurinos antigos, nos filmes e novelas de época, etc. e tal. E, assim como acontece com os cheiros, os gostos, os sons e as imagens, o presente ocupa nosso espaço consciente como pré-sentimento, como manifestação de uma primeira que, mesmo tendo por detrás o comando de um *logos* terceiro, assume lugar no prosaetrio e nos empurra para o gozo, para o tamponamento da falta pelo consumo, para a alegria constante que afasta o tédio, para o imperativo da beleza sempre presente e o medo de um futuro enrugado. Se o presente é vivência, a experiência é vivencializada em momentáculos presentes que precisam se suceder como novos, nessa neofilia exacerbada. E, por isso, pasmem, já existem certas linhas de cosméticos antirrugas para uso de jovens de vinte e poucos anos.

Tais exemplos, bastante ordinários, revelam essa predominância do comum sensível e ilustra, à perfeição, a caracterização dada por Foucault ao dispositivo e comentada por Agamben. Em outras palavras, mesmo que o termo se aplique aos smartphones, por exemplo, ele não se refere tão somente ao gadget, mas àquilo de rede de sentidos que a utilização do aparelho produz e faz produzir.

Colocando tudo isso de forma agambênica, parece haver uma sacralização do presente por meio de sua separação do contínuo temporal e da hiperbolização de seu valor sensível. Há, entretanto, uma aparente profanação: a neofilia (ou neopatia, se quiserem) trombeteia a novidade numa falsa recusa do ontem e sua substituição por um novo hoje, ou na recusa do hoje e sua substituição por um novo amanhã. Mas, o novo não é novo, é apenas uma ligeira alteração daquilo que, monadicamente, continua o mesmo, reiterando o hoje. Isto é, a falsa profanação acaba por reiterar o sagrado e manter o presente com a aparência de constante

renovação. Exatamente como a moda, que substitui um símbolo por outro quase-equivalente (em que esse *quase* é o responsável pela efêmera sensação de novidade).

Referências

AGAMBEN, G. **Qu'est ce q'un dispositif?**. Paris: Rivages Poche, 2007.

JAMESON, F. **Modernidade singular:** ensaio sobre a ontologia do presente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers**. Electronic edition ed. John Deely. 1998.

PINTO, J. **The reading of time:** a semantico-semiotic approach. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989.

PINTO, J. **The reading of time:** a semantico-semiotic approach. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989.